

# \_\_\_\_\_ARTIGOS\_\_\_\_\_



CARLOS ABRAÃO MOURA VALPASSOS\*

ARNO VOGEL\*\*

THAIS NASCIMENTO\*\*\*

UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA NO SENTIDO  
PLENO: NOTAS SOBRE UMA MOSTRA FOTOGRÁFICA  
NO ARRAIAL DE PONTA GROSSA DOS FIDALGOS

"NOTES ON A PHOTOGRAPHIC EXHIBIT AT PONTA  
GROSSA DOS FIDALGOS: A ETHNOGRAPHIC  
EXPERIENCE AT IT'S FULLEST".

**Resumo:** *Entre o final da década de 1930 e o início daquela de 1940, o antropólogo Luiz de Castro Faria realizou uma série de visitas ao arraial de Ponta Grossa dos Fidalgos, localizado no norte do Estado do Rio de Janeiro. Esses empreendimentos resultaram em um rico acervo documental, composto por fotografias, cadernetas de campo, desenhos e esboços. A pesquisa, todavia, não se transformaria em um produto finalizado. No início do século XXI, o material é recuperado por um grupo de estudantes que, sob orientação do Professor Arno Vogel (ex-aluno de Castro Faria), decide realizar uma exposição do material fotográfico no próprio arraial de pescadores. Este artigo aborda como a visualização das imagens pretéritas proporcionou aos habitantes locais uma oportunidade para revitalizar memórias, exumar narrativas e tecer interpretações sobre as transformações ocorridas no povoado ao longo dos últimos 60 anos.*

**Palavras-Chave:** *Etnografia; Fotografia; Experiência; Narrativa; Transformação Social.*

**Abstract:** *Between the late 1930s and early 1940s, the anthropologist Luiz de Castro Faria held a series of fieldwork visits Ponta Grossa dos Fidalgos, a fishermen village located in the north of the State of Rio de Janeiro. These developments resulted in a rich collection of*

\* Doutor em Antropologia Cultural (PPGSA/IFCS/UFRJ); professor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ/UCAM) Pesquisador do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS/UFRJ)

\*\* Arno Vogel, Doutor em Antropologia (MN/UFRJ) Professor Titular da Universidade Estadual do Norte Fluminense (LESC/CE/UCCH/UENF)

\*\*\*Thais Nascimento, Doutoranda em Sociologia e Antropologia (PPGSA/IFCS-UFRJ)

*documents, comprising photographs, field notebooks, drawings and sketches. The research, however, does not turn into a finished product itself. By the beginning of the century, the material is recovered by a group of students, under the guidance of Professor Arno Vogel (alumnus Castro Faria), who decided to hold an exhibition of photographic material at the fishermen village. This paper discusses how the visualization of preterit images gave the locals a chance to revive memories, exhume narratives and weave interpretations of the changes in the village over the past 60 years.*

**Keywords:** *Ethnography; Photography; Experience; Narrative; Social Change.*

## INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1939 e 1941, o professor Luiz de Castro Faria visitava Ponta Grossa dos Fidalgos - povoado pesqueiro pertencente ao município de Campos dos Goytacazes/RJ e estabelecido às margens setentrionais da Lagoa Feia - para caçar marrecas com seu primo Aníbal de Castro Faria. Durante esses momentos, realizava seus registros etnográficos: notas de campo e fotografias. Percebeu, então, a ocorrência da transformação da paisagem lacustre: a Lagoa Feia, desde 1814, pelo menos, vinha sendo dessecada progressivamente para a ampliação das áreas utilizadas para cultivo de cana ou criação de bovinos, num processo que poderia interferir na atividade pesqueira dos habitantes de Ponta Grossa.

As próprias habitações do povoado passavam por um processo de mudança: as casas feitas de palha de tabua (*Typha Dominguensis* Kth), madeira e barro, estavam, paulatinamente, sendo substituídas por casas de alvenaria. O cenário, marcadamente relacionado à prática da pesca artesanal, constituiu-se então como objeto de preocupação do etnógrafo. Desenhos, mapas, anotações, fotografias e roteiros de pesquisa começaram a ser elaborados. Alguns ensaios foram escritos, mas a pesquisa nunca alcançou o impulso necessário para tornar-se algo de maior fôlego.

Depois de aproximadamente 60 anos do início de seu empreendimento etnográfico na Lagoa Feia, Castro Faria soube que Arno Vogel, seu ex-aluno, prestaria concurso para professor titular de Antropologia da UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro, em Campos dos Goytacazes. “Lembre-se da Lagoa Feia”, foi o que disse Castro Faria ao seu discípulo, encarregando-lhe, assim, da retomada do trabalho etnográfico, interrompido em meados do século XX, entre os pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos.

Era o princípio da constituição de um grupo de pesquisa formado por estudantes, de graduação e mestrado, cujos interesses etnográficos encontravam no povoado de Ponta Grossa seu lócus privilegiado. Em meados de 2002, os membros do grupo teriam, enfim, acesso ao material etnográfico de Castro Faria, que então se encontrava no acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins, no Rio de Janeiro, sob a tutela de Heloísa Berthol. No material estavam as cadernetas de campo de Castro Faria, seus desenhos dos instrumentos e das técnicas de pesca, um ensaio apresentado ao Club de Sociologia na reunião de 12 de Junho de 1941, alguns textos já datilografados e uma série de fotografias que retratavam a Lagoa Feia e o arraial de Ponta Grossa na década de 1940. O material incorporado ao acervo do grupo servia como uma importante referência, apresentando

possibilidades temáticas e, também, permitindo a tomada de perspectivas diacrônicas nos estudos então desenvolvidos<sup>1</sup>.

## ORGANIZANDO UMA MOSTRA FOTOGRÁFICA

Desde o momento em que tivemos acesso ao material de Castro Faria, pensamos em organizar uma exposição fotográfica, no próprio arraial, que pudesse comparar o povoado atual com aquele da década de 1940, mas foi apenas em junho de 2005 que colocamos a idéia em prática. A exposição se realizaria antes da festa de São Pedro, santo protetor dos pescadores, festividade que é um dos mais importantes eventos rituais da localidade.<sup>2</sup> As festas religiosas em Ponta Grossa dos Fidalgos são verdadeiros momentos de efervescência coletiva, nos quais as pessoas se propõem a colaborar com a pesquisa de uma maneira muito mais intensa que no cotidiano. Por isso, concluímos que o período de organização da festa seria ideal para expor as fotografias e conversar sobre elas.

Nossa grande questão era onde realizar a mostra. Isso era um problema visto que muitos lugares em Ponta Grossa são interditos a determinadas pessoas. Se realizássemos a exposição no Salão do Samuel, onde ocorriam shows de forró e festas, talvez as mulheres das igrejas não visitassem a exposição, por exemplo. Isto porque o salão era comparável aos bares, e as mulheres não freqüentavam bares em Ponta Grossa, pois este era tido como o lugar dos homens, onde eles se encontram, conversam sobre pesca e aprendem a agir “como os homens devem agir”.

Se a exibição das fotografias fosse na Igreja Católica, os fiéis das outras quatro Igrejas Cristãs do povoado não prestigiariam o evento. Também não poderíamos realizar a mostra no Porto da Beirada que, embora fosse um local aberto e de livre circulação de todos, exigiria um aparato de quadros e tendas ao qual não tínhamos acesso, além da necessidade de montar e desmontar a estrutura todos os dias, o que despenderia muito tempo.

Por fim, como não encontrávamos uma solução ideal, decidimos fazer a mostra em nossa base etnográfica<sup>3</sup>, pois entre as opções disponíveis, esta nos pareceu a menos problemática. Uma vez decidido o local, o restante do processo foi rapidamente decidido e posto em prática: espalhamos cartazes pela principal rua do povoado na sexta-feira, dia 24 de junho de 2005, marcando o início da exposição para o dia seguinte às 14:00.

<sup>1</sup> Para detalhamento e interpretação sobre o acervo deixado por Castro Faria a respeito da Lagoa Feia, sobretudo no que diz respeito ao material fotográfico, ver COLAÇO: 2006.

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre o evento, ver NASCIMENTO: 2005; e NASCIMENTO: 2009.

<sup>3</sup> Entre 2002 e 2005 o grupo de pesquisa dispunha de uma casa alugada com o intuito de servir como base etnográfica.

Na manhã do dia 25 de junho, preparamos a casa para a exposição. Éramos quatro pesquisadores: dois homens e duas mulheres. Nas paredes foram expostas as fotos recentes, tiradas pela equipe de estudantes, e as antigas, de Castro Faria, bem como um pequeno texto explicando nossa pesquisa. Na mesa no canto da sala pusemos água, café e copos descartáveis, além de um livro de registro, onde alguns visitantes da exposição poderiam assinar seus nomes.

As fotos foram expostas da seguinte maneira: no corredor, na entrada da casa, fixamos em ambas as paredes fotografias atuais do povoado, retratando temas mesclados - como a habitação, a festa de São Pedro e a pesca artesanal. Ao término do corredor, o visitante tinha, ao seu lado direito, fotografias de casas contemporâneas do arraial; ao seu lado esquerdo, fotografias de pescarias, de pessoas e de festas atuais; imediatamente à sua frente estavam fotos do final dos anos de 1970<sup>4</sup>, de um importante episódio da história local, em que os pescadores paralisaram uma máquina que trabalhava para o extinto Departamento Nacional de Obras de Saneamento - DNOS; e, frontalmente à esquerda do visitante, estavam as fotos da “Ponta Grossa dos Antigos”, realizadas por Luiz de Castro Faria na década de 1940. Fixadas as fotografias, restava apenas esperar a chegada dos visitantes, o que não demoraria a acontecer.



<sup>4</sup> Fotos que encontramos no jornal Folha da Manhã e digitalizamos para o evento.

## OS DIAS OFICIAIS DA MOSTRA FOTOGRÁFICA

A exposição ficou oficialmente programada para acontecer no final de semana dos dias 25 e 26 de junho de 2005, das 14:00 às 18:00 hs. Na manhã de sábado, Lúcia, a vizinha da casa à esquerda, observava com suas filhas o movimento na nossa casa enquanto colávamos as fotos na parede. Lúcia disse, por cima do muro, que estava nervosa, com muita ansiedade.

Pontualmente às 14:00 de sábado abrimos o portão e uma de nossas vizinhas, chamada Deusanaja, já esperava para entrar. Ela olhou foto por foto comentando quem era cada pessoa fotografada, os lugares que apareciam nas fotos de paisagens e falou sobre todas as casas e seus respectivos moradores. Neste processo de trabalho da memória, Deusanaja percorreu todo o perímetro interno da casa, fazendo comentários sobre todas as fotos e não apenas sobre elas, mas, também, sobre os contextos em que elas foram feitas, pois não bastava falar daquilo que estava retratado: era necessário criar o mundo que envolvia aquele recorte que fora capturado pelas lentes fotográficas. Demorou-se bastante observando as fotos antigas, que foram, aliás, o foco de atenção da maioria dos visitantes da mostra fotográfica.

Enquanto as crianças, em geral, preferiam buscar rostos conhecidos nas fotografias feitas pelo grupo, os adultos estavam interessados nas fotos antigas, de tal maneira que, muitas vezes, entravam na casa já perguntando pelas fotos antigas de Ponta Grossa, sem interessar-se por qualquer outra coisa. Alguns, mesmo que na primeira visita, dirigiam-se diretamente para a última parede da exposição, para ver as fotos de Castro Faria.

As crianças eram presença constante no evento. Entravam e saíam da casa a todo o momento, trazendo colegas ou adultos e mostrando as fotos com vivacidade e orgulho. Ficavam sempre ali por perto, esperando ou mesmo pedindo para serem fotografadas - principalmente as meninas, que faziam poses para a câmera. As adolescentes perguntavam se suas fotos estariam expostas na próxima Mostra Fotográfica, apesar de nenhum de nós ter mencionado uma próxima exposição.

Os mais “antigos” foram aqueles que mais chamaram nossa atenção. Eles olhavam as fotos atuais, mas sua curiosidade estava claramente voltada para as fotos de Castro Faria. As pessoas paravam diante das fotos da Ponta Grossa dos anos de 1940 e ficavam a observar os mínimos detalhes das casas, tentando reconhecer as pessoas retratadas, num grande esforço em evocar lembranças há muito tempo guardadas nos alfarrábios da memória.

Fosse em silêncio ou comentando suas recordações, não foram poucas as pessoas que choraram ao olhar as fotos antigas. São Amaro Clarindo, após



um longo silêncio e algumas lágrimas, declarou nostálgicamente: “Eu não posso ver as fotos dessa gente antiga não”.

Era como se aquele senhor de 90 anos estivesse, naquele momento, diante de pessoas com as quais não tinha contato há décadas, mas que foram importantes e marcantes em sua vida. As imagens das pessoas suscitavam lembranças sobre suas personalidades e sobre suas vidas, de modo que em pouco tempo aquelas imagens estáticas ganhavam movimento nas narrativas daqueles que conheceram os personagens retratados.

“Em alguns momentos, fica evidente que a pessoa não apenas se emocionava ao identificar um personagem significativo para si ou para a comunidade nas fotos, mas era como se estivesse diante dele naquele instante”. (ARAÚJO & MAHFOUD, 2002, p. 90).

**FOTO: CARLOS VALPASSOS (JUNHO DE 2005)**



*São Amaro Clarindo vendo os “antigos” retratados por Castro Faria*

**FOTO: LUIZ DE CASTRO FARIA (DÉCADA DE 1940)***João e Marica Flor*

Para surpresa dos pesquisadores, aquelas pessoas, que já eram idosas na década de 1940, tornaram-se foco das atenções e não tardaram a ter suas identidades reveladas. Entre os antigos, aquelas fotografias retratavam os ainda mais antigos. Vasculhando a memória e chamando outros “anciões” do arraial, os antigos iam rememorando e testando, entre seus pares, as lembranças trazidas à tona pelas fotografias.

O que se realizava diante dos etnógrafos era a elaboração minuciosa de uma extensa árvore genealógica que se desenhava na memória de suas próprias ramificações. No topo estavam João e Marica Flor, um casal de velhinhos retratados por Castro Faria.

Com a elaboração da árvore genealógica não vinham apenas identidades e relações de parentesco, mas também narrativas sobre os traços da personalidade de cada personagem; sobre suas preferências; quando homens, sobre suas pescarias; e assim por diante.

As fotografias da antiga Lagoa Feia também geravam comentários. Quando pessoas das gerações mais jovens olhavam aquelas imagens não vivenciadas, muitas delas perguntavam: “isso é em Ponta Grossa mesmo?”. A desconfiança da autenticidade pairava no ar. Era solicitada, então, a presença de um “antigo”. Após o testemunho de um destes, toda vez que

o questionamento se repetia algum dos visitantes alertava: “é aqui sim, os antigos [cujos nomes eram citados] confirmaram”.

**FOTO: LUIZ DE CASTRO FARIA (DÉCADA DE 1940)**



*Lagoa Feia na década de 1940*

O contraste entre as antigas paisagens e as atuais invariavelmente remetiam à redução do espelho d’água da Lagoa Feia. As pessoas olhavam as antigas fotos da Lagoa e lamentavam que “acabaram com a nossa lagoa...”. Depois da lamentação, apontando ou não para as fotos do final dos anos de 1970, as pessoas começavam a narrar os episódios em que os pescadores “salvaram a Lagoa”, paralisando a draga do Departamento Nacional de Obras de Saneamento – DNOS. Na ocasião, o órgão sanitarista empreendia a construção de um canal submerso na Lagoa Feia, alegando que este diminuiria consideravelmente o assoreamento lacustre. Os pescadores entendiam que os engenheiros sanitaristas trabalhavam associados aos fazendeiros da região, que expandiam suas propriedades às custas da redução do espelho d’água, e que a conclusão do canal submerso acarretaria no dessecamento da Lagoa Feia, que seria transformada em pastos e canaviais, o que levaria ao fim da atividade pesqueira.

Em um outro contexto etnográfico (Morro Vermelho-Caeté-MG), Araújo e Mahfoud tiraram, da realização de uma mostra fotográfica numa co-

munidade rural, muitas reflexões semelhantes às nossas. Uma delas, no entanto, era bastante divergente. De acordo com eles,

“As maneiras como as lembranças são evocadas diferenciam-se pelas divisões de tempo e de espaço, categorias estruturantes da memória: as divisões do tempo, singulares para cada grupo, auxiliam na distinção em épocas para que o conteúdo recordado possa ser examinado, oferecendo uma idéia de mudança; o espaço já sugere uma imagem de estabilidade e de permanência”. (ARAÚJO & MAHFOUD, 2002, p. 75)

No caso de nossa mostra fotográfica, as categorias tempo e espaço suscitaram reiteradamente a percepção das mudanças ocorridas no arraial ao longo das últimas décadas. As alterações da geografia lagunar e da morfologia do arraial eram insistentemente observadas pelas pessoas que compareciam ao evento. Os antigos retratados, por sua vez, proporcionavam a clara sensação de que não apenas os lugares, mas também seus habitantes, não eram mais os mesmos.

As fotos antigas evocavam narrativas que buscavam o entendimento do presente. As mudanças na paisagem lagunar eram explicadas pela ambição dos fazendeiros da região e o malogro destes em atingir o objetivo de dessecar a Lagoa tinha como explicação a resistência oferecida pelos pescadores, em momentos épicos do povoado, aos projetos desenvolvimentistas que desprestigiavam a atividade pesqueira<sup>5</sup>.

Neste sentido, as interpretações dadas aos contextos histórico e cultural apresentados nas fotografias auxiliavam os pesquisadores na compreensão das transformações ocorridas através do tempo. As fotografias, portanto, ajudavam a “elucidar o modo como o processo de transformação social foi vivido e interpretado pelos atores sociais”. (BITTENCOURT, 1998, p. 204)

Estávamos satisfeitos com a reação das pessoas diante das fotografias, pois percebemos que o evento traria, como trouxe, benefícios para a pesquisa, no sentido de ampliar a rede de contatos dos etnógrafos. Uma coisa, no entanto, nos incomodava: enquanto mulheres e crianças visitavam constante e repetidamente a exposição, raros homens compareciam.

Uma observação que já tínhamos feito há tempos confirmava-se então: em Ponta Grossa dos Fidalgos, a rua é o lugar de livre trânsito dos homens, enquanto a casa pertence ao domínio feminino. No plano prático, isso significa dizer que, mesmo tendo tempo livre para visitar a mostra fotográ-

<sup>5</sup> Para maiores informações sobre os conflitos entre os pescadores e os fazendeiros e engenheiros sanitaristas, ver VALPASSOS: 2006. Abordagens sobre esses e outros conflitos existentes no arraial, sobretudo no que tange às questões ambientais, pode ser encontrada em VALPASSOS & COLAÇO: 2006; COLAÇO: 2007 e COLAÇO: 2012.

fica, pois era um fim de semana, os homens não o faziam, pois se sentiam “envergonhados” ou “constrangidos”.

Neste primeiro fim de semana, apenas dois homens visitaram o evento. Um deles veio acompanhado de sua esposa e o outro era um de nossos principais interlocutores. Diante disso e da possibilidade de contemplar um número maior de pessoas que não foram informadas sobre o evento, decidimos estender o período de exibição por mais uma semana.

## A MOSTRA DURANTE SEUS DIAS EXTRA-OFICIAIS

Na segunda-feira, dia 27 de junho de 2005, fomos visitados por alguns rapazes. Um deles, Tarcísio, trabalhava na Escola Municipal Colônia de Pesca<sup>6</sup>. Pedimos-lhe que convidasse as professoras a trazer os alunos para ver a exposição. Compareceram três professoras que trouxeram consigo 26 alunos. À tarde elas retornaram acompanhadas de aproximadamente 60 alunos.

As crianças comentavam as fotos, apontavam pessoas conhecidas e olhavam intrigadas as fotos antigas do povoado. Os meninos identificavam os peixes nas fotos e, quando perguntados sobre como conseguiam reconhecer as espécies, diziam: “foi meu pai que me ensinou”, o que indicava que a socialização dos jovens no universo da pesca se inicia cedo, já durante os primeiros anos de vida.

Um aspecto interessante da mostra fotográfica diz respeito à percepção dos moradores do arraial em relação aos pesquisadores. Uma mulher, ao ver as fotos na parede, afirmou: “Ah, então vocês fazem alguma coisa...”. Essa frase foi crucial para compreendermos que, até então, não éramos vistos de forma consolidada como pesquisadores. Percebemos também que, com a exposição, deixamos de ser simplesmente “os estudantes da UENF que fazem muitas perguntas” para nos tornarmos “os estudantes da UENF que fotografam e registram a vida em Ponta Grossa”.

Chamou nossa atenção a importância da fotografia como objeto privilegiado nas relações de reciprocidade entre os pesquisadores e os moradores do arraial. Mulheres e crianças perguntavam reiteradamente se suas fotografias estariam expostas numa próxima mostra fotográfica, bem como pediam cópias de suas fotografias, para guardar como lembranças. Os homens – vinham em sua maioria quando eram convidados pessoalmente pelos pesquisadores ou quando as pesquisadoras saíam da base de campo - quando desejavam uma foto, não pediam, mas insinuavam que gostariam de receber uma como presente. Os homens que não tinham

<sup>6</sup> Há duas escolas em Ponta Grossa, ambas com turmas até 4ª série do ensino fundamental.

laços sociais mais próximos com o grupo de pesquisa não chegavam nem mesmo a insinuar.

O que se configurava era o estabelecimento de uma rede de reciprocidade em que chegara o momento em que nós, que até então havíamos basicamente recebido (informações, tempo, hospitalidade, refeições etc), devolveríamos algo às pessoas do povoado. A mostra fotográfica em si mesma representava, tanto para nós quanto para algumas pessoas, como uma retribuição de nossa parte.

O “dar, receber e retribuir”, de Marcel Mauss, era perceptível naquele momento. Recebemos o acolhimento; retribuímos com a mostra fotográfica e com fotografias presenteadas; ganhamos presentes (peixes, biscoito, café) durante o evento e, também, fotografias dos álbuns familiares para, com elas, aumentar nosso arquivo documental e ampliar uma futura mostra fotográfica<sup>7</sup>.

O desejo de ter sua imagem exposta numa futura mostra fotográfica, por sua vez, era algo que algumas pessoas, discretamente, demonstravam aos pesquisadores. Entendemos que isso acontecia porque, naquele contexto, ser retratado numa imagem exposta na mostra fotográfica parecia significar a garantia de ter sua lembrança guardada para as futuras gerações, o reconhecimento de seu pertencimento àquele local, bem como o reconhecimento de sua importância social. A fotografia de João e Marica Flor, feita há mais de 60 anos e responsável pela evocação dos personagens, alimentava esta sensação.

**FOTO: THAÍS NASCIMENTO. (JUNHO DE 2005)**



*Detalhe da parede da base etnográfica com as fotografias feitas pela equipe.*

<sup>7</sup> A neta de João e Marica Flor convidou as moças da pesquisa a irem à casa de sua irmã para mostrar-lhe a foto do casal. A irmã em questão chorou ao ver a foto, e essa visita acarretou novos contatos no campo. Houve até mesmo uma moradora que deu para nossa equipe algumas fotos de seu álbum pessoal, que ela não desejava mais ter. A desconfiança da população com relação ao grupo de pesquisadores diminuiu consideravelmente após a exibição das fotografias

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia não é a mera reprodução de uma imagem sobre uma superfície fotossensível. Ela é um dispositivo mnemônico que registra imagens e que, através deste processo, possibilita a evocação de variados sentimentos (raiva, tristeza, alegria etc), bem como uma diversidade de narrativas que, a partir da imagem apresentada, tratam de pessoas, de lugares, de conflitos, de sociabilidades e outras coisas que não aparecem na imagem fotografada. Em outras palavras: uma fotografia retrata muito mais do que a imagem registrada.

No caso que apresentamos, a importância das fotografias antigas transcendia os objetos, paisagens e pessoas documentadas. O varal onde secavam as redes do pai de Rosângela<sup>8</sup> não era apenas um varal, do mesmo modo como as canoas, assim como sugeriu Malinowski, não eram apenas canoas, mas sim objetos repletos de aspectos simbólicos, cujas imagens retratadas são capazes de evocar sentimentos e, com eles, narrativas.

### FOTO: LUIZ DE CASTRO FARIA (DÉCADA DE 1940)



*Varal usado, "no tempo dos antigos", para secar as redes depois de serem tingidas*

O varal de redes lembrava as próprias redes, que remetiam ao seu processo de cozimento, que levavam às recordações de momentos em que as pessoas se reuniam para conversar enquanto enchiam um tonel com a água que seria fervida para tingir as redes com a aroeira.

<sup>8</sup> Rosângela chorou ao ver a foto tirada por Castro Faria de um varal onde as redes de pesca eram estendidas para secar após serem tingidas. Várias pessoas disseram para ela que nada garantia que aquele fosse o varal de seu pai, mas ela afirmava ter certeza do que dizia.

Do mesmo modo podemos pensar as canoas e os demais utensílios da pesca, todos eles registrados nas fotografias de Castro Faria. O caso da canoa, por exemplo, é bastante ilustrativo. Isso porque, quando os “antigos” decidiam construir uma canoa, iniciava-se então uma viagem ao “sertão”, à floresta do Imbé, para extrair as madeiras necessárias para o empreendimento (encontrando-se entre as preferidas a peroba, o sôbro, o tapinhoã, a cerejeira e o vinhático (Cf. CASTRO FARIA, Inédito). E se pensarmos também que a durabilidade de uma canoa ultrapassa os cem anos, vemos nela um artifício mnemônico que fornece uma genealogia de proprietários. Assim, pensar sobre uma canoa significa recordar as venturas e desventuras de seus antigos donos, de modo que a reflexão resulta na manutenção da história daqueles que já se foram - o que possibilita a recordação e revitalização da história do próprio povoado.

As canoas dos pescadores da Lagoa Feia, então, possuem qualidades simbólicas semelhantes àquelas do barco dos trobriandeses. Para confirmar isto basta lembrar que Malinowski entendeu que “o barco está envolto numa atmosfera de romance, constituída de tradições e experiências pessoais. [É, portanto], (...) um objeto de culto e admiração, uma coisa viva que possui personalidade própria” (MALINOWSKI, 1978, p. 87), do mesmo modo que a canoa dos pescadores pontagrossenses.

Com efeito, objetos como canoas, redes, varais de pesca e anzóis são sociais na medida em que são envolvidos em histórias. A partir dos objetos, o passado é lembrado. A história de uma canoa, por exemplo, é não apenas a história dela enquanto simples instrumento de navegação, mas sim a referência a um conjunto de histórias que caracterizam personagens e, podemos dizer, uma população.

Os homens, nesse sentido, são lembrados a partir dos objetos, pois eles evocam suas histórias e também as de outros personagens. E são elas, as histórias, que, de acordo com Wilhelm Schapp (2007, p.13), representam o homem. Desse modo:

“Nós, seres humanos, estamos sempre envolvidos em histórias. Em cada história, há uma pessoa nela envolvida. A história e o estar envolvido em histórias estão tão estreitamente ligados, que talvez não seja possível separá-los nem mesmo em nossos pensamentos”.

Os instrumentos do passado, assim, “contam” histórias sobre o passado. Retomam e recriam a vida tal como ela já foi, lembram as distintas narrativas que marcavam seus usuários e, em nosso caso, caracterizavam a lida da pesca no “tempo dos antigos”. Se, tal como argumenta Daniel Miller (2013), os objetos tem a capacidade não somente de comunicar algo,



mas também de produzir sentimentos e identidades em seus usuários, podemos entender que a pesca artesanal encontra em canoas – redes, anzóis e outros utensílios – uma expressão de sua cultura material e, desse modo, parte importante da produção de um modo de vida. Evocar esses artefatos do passado é, portanto, uma forma de reconstituir as narrativas que caracterizavam a identidade social relacionada à pesca artesanal de um período ao qual os pescadores da Lagoa Feia muitas vezes se referem como “o tempo dos antigos”.

A apresentação fotográfica de um objeto, de uma paisagem ou de uma pessoa, evoca narrativas e desperta, assim, sentimentos que são, muitas vezes, interpretados. Araújo e Mahfoud argumentaram, baseados em outros autores e em sua experiência na elaboração de uma mostra fotográfica na comunidade de Morro Vermelho (Caeté –MG), que as fotografias, enquanto “objetos biográficos”, incorporam-se à vida de seu possuidor justamente porque representam uma experiência vivida (Cf. ARAÚJO & MAHFOUD, 2002, p. 73). Se esta perspectiva é verdadeira, como pensamos, então, torna-se importante pensar sobre a possibilidade, proporcionada pela fotografia, de refletir sobre estes momentos vivenciados que ficam retratados numa superfície de papel.

Lembramos, então, que os eventos cotidianos representam experiências, mas que estas não são submetidas ao escrutínio interpretativo da reflexão. Quando estas “meras experiências” passam por um processo de análise por parte daqueles que as vivenciaram, elas transformam-se em Experiências, ou seja, em eventos vivenciados, pensados e interpretados<sup>9</sup>.

A mostra fotográfica possibilitou que as pessoas de Ponta Grossa dos Fidalgos evocassem sentimentos e elaborassem narrativas sobre eventos cotidianos, de modo que meras experiências se transformaram em Experiências. Isto porque, como escreveram Araújo e Mahfoud, “Algo de essencial, de próprio do objeto é apreendido e comunicado à medida que a consciência se volta para contemplá-lo, permitindo uma maior compreensão do que o objeto é, emergindo o sentido. Ao descrevê-lo, evidencia-se o significado. Através da descrição da própria experiência o sujeito vai formulando-a e reconstruindo-a” (ARAÚJO & MAHFOUD, 2002, p. 75).

Para os etnógrafos, a participação neste processo proporcionou um sem número de narrativas que dificilmente surgiriam de outro modo e permitiu, também, a apreensão dos significados que acompanhavam as narrativas, o que muito auxiliou no entendimento de questões que, de outra maneira, não se apresentariam de forma tão clara. A mostra fotográfica e a posterior

<sup>9</sup> A idéia de transformação da experiência em Experiência através de sua submissão à reflexão pertence a Wilhelm Dilthey. Uma análise interessante sobre o tema pode ser encontrada em BRUNER: 1986.

redação sobre ela proporcionaram aos pesquisadores uma reflexão mais refinada e crítica sobre o ato de fotografar, bem como a transformação do evento em acontecimento e, portanto, em uma Experiência etnográfica.

Em última instância, tanto para as pessoas do arraial quanto para os pesquisadores, a realização da mostra fotográfica constituiu um importante momento de reflexão, motivo pelo qual justificamos nossa ideia de falar do evento como uma Experiência Etnográfica no sentido pleno.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, R.A. & MAHFOUD, M. **Memória Coletiva e Imagem Fotográfica: Elaboração da Experiência em uma Tradicional Comunidade Rural**. Memorandum, 2. 2002. 68-102p. Retirado em 15/03/2006 do site <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/araujo02.htm>

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. **Algumas considerações sobre o uso da Imagem Fotográfica na Pesquisa Antropológica**. In.: B. Feldman-Bianco & M. L. Moreira Leite (Orgs.) *Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeos nas Ciências Sociais*. Campinas, Papirus. 197-212p.1998.

BRUNER, Edward M. **Experience and Its Expressions**. In.: TURNER, Victor & BRUNER, Edward M. *The Anthropology of Experience*. Urbana and Chicago, University of Illinois Press. 03-44p.1986.

COLAÇO, José. **Um olhar sobre Ponta Grossa dos Fidalgos: usos da fotografia na pesquisa antropológica**. Revista Comum (FACHA), vol. 12 (27). Rio de Janeiro: 2006.

COLAÇO, José. **Tempo(s) Ecológico(s): uma etnografia das tensões entre pescadores artesanais e IBAMA acerca do calendário de pesca na Lagoa Feia – RJ**. Dissertação apresentada como requisito para a conclusão do curso de Mestrado em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. 130p. 2007.

COLAÇO, José. **Quanto Custa ser Pescador Artesanal? Etnografia, relato e comparação entre dois povoados pesqueiros no Brasil e em Portugal**. Tese apresentada como requisito para a conclusão do curso de Doutor em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. 350p. 2012.

CASTRO FARIA, Luiz de. **Os Pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos: Um Estudo de Morfologia Social**. (Título Provisório) Inédito. Conforme originais incorporados ao acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq, no Observatório do Valongo, Rio de Janeiro/RJ.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental – Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 424p. 1978.

- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU/Edusp. p. 37-184. 1974.
- MELLO, Marco Antônio da Silva & VOGEL, Arno. **Gente das Areias - História, meio- ambiente e sociedade no litoral brasileiro**. Niterói: EDUFF. 405p. 2004.
- MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas – Estudos Antropológicos sobre a Cultura Material**. Rio de Janeiro, Zahar: 2013.
- NASCIMENTO, Thaís. **“A Festa é do Povo?” – Política e Religião em Ponta Grossa dos Fidalgos – RJ**. Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense. 79p. 2005.
- NASCIMENTO, Thaís. **A Festa de São Pedro em Ponta Grossa dos Fidalgos. Apontamentos etnográficos sobre a celebração do santo pescador**. Dissertação apresentada como requisito para a conclusão do curso de Mestrado em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 116p. 2009.
- SCHAPP, Wilhelm. **Envolvido em Histórias – Sobre o ser do homem e o da coisa**. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Editor, 2007.
- VALPASSOS, Carlos Abraão Moura. **Quando a Lagoa Vira Pasto: Um Estudo Sobre as Diferentes Formas de Apropriação e Concepção dos Espaços Marginais da Lagoa Feia – RJ**. Dissertação apresentada como requisito para a conclusão do curso de Mestrado em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. 139p. 2006.
- VALPASSOS, Carlos Abraão Moura & COLAÇO, José. **Diferentes percepções da natureza: as intervenções politécnicas, a fiscalização ambiental e os pescadores da Lagoa Feia**. Revista Antropológicas, ano 10, vol. 17(02): 2006.